

ARQUITETURA MODERNA NAS ROCAS: Um estudo sobre os processos de introdução, afirmação, e descaracterização dos elementos modernos no cenário popular.

Marcela de Melo Germano da Silva (1); Carolina Azevedo Bezerra (2); Karen Álvares Pinto (3); Andressa Christine Bezerra da Silva Bezerra (4).

(1) Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFRN, Av. Afonso Pena, 534 – Petrópolis, Natal/RN, (84) 91099010, (84) 32214760
Email: cela5484@hotmail.com

(2) Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFRN,
Email: carolzinha_azevedo@hotmail.com

(3) Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFRN,
Email: krenalvares@yahoo.com.br

(4) Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFRN,

RESUMO

Este trabalho analisa a produção arquitetônica do bairro das Rocas que apresenta alguns vínculos formais com o modernismo. Foi realizada uma leitura do processo de assimilação do vocabulário moderno pelas edificações residenciais e a perda do mesmo, através da análise dos elementos de composição das fachadas em três momentos distintos: primeira metade do século XX - predominantemente protomoderno; anos 50 – auge do modernismo popular; e pós anos 60 – modificações e descaracterizações da arquitetura moderna no bairro. Foi possível ainda identificar um padrão do modernismo popular característico das Rocas, bem como perceber algumas distorções entre o modernismo erudito e o modernismo popular encontrado no bairro.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Moderna, Rocas, Modernismo Popular.

1. INTRODUÇÃO

O artigo foi construído com base em uma amostragem representativa da arquitetura do bairro das Rocas. A proposta consiste numa leitura das imagens levantadas a fim de compreender o processo de inserção e perda dos elementos definidores do estilo moderno.

Dada a implantação da maioria das construções do bairro, localizadas em lotes muito estreitos, a frente da edificação é mais valorizada, com a lateral e o fundo recebendo um tratamento menos prestigiado. Devido a isso as fachadas são as que mais apresentam elementos característicos do movimento moderno. É a análise formal e de composição dessas fachadas que permitirá essa leitura. Fundamentada em estudos já realizados que abordam a arquitetura no Brasil, e mais especificamente o modernismo popular no nordeste. Foram pesquisadas ainda informações sobre a história do bairro e da cidade de Natal.

2. DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

O bairro das Rocas é um dos mais antigos da cidade de Natal, nasce das atividades dos pescadores e dos trabalhadores das obras do porto. É oficializado em 1947 e seus limites são redefinidos em 1993. Começa a se desenvolver a partir dos anos vinte, marcantes no processo de modernização da cidade de Natal, quando são realizadas diversas obras de ordenação e embelezamento do espaço urbano. No início da década de 30 o dinamismo econômico advindo da produção de algodão permite que esse processo de modernização seja incrementado. Nessa década, O *art déco* foi o suporte formal para inúmeras tipologias arquitetônicas (...) conquistava adeptos populares ao ser adotado, em linhas mais simplificadas, nas vilas operárias em singelas moradias conhecidas como “porta-e-janela”, em todos os quadrantes do Brasil. (SEGAWA, 2002 :72)

Segundo Pedro de Lima nesse período pode-se notar a presença do *art déco* na arquitetura da cidade, especialmente nas residências. O estilo situa-se em meio à transição das arquiteturas ainda referenciadas nos padrões clássicos para uma nova arquitetura que, definindo-se como racional e funcional e desprovida de adornos, buscará a beleza, principalmente, nas formas geométricas puras.

No Brasil, o estilo pode ser entendido como uma das derradeiras manifestações do ecletismo assim como uma das primeiras expressões do Modernismo. Alguns estudiosos o definem como “tardoeclétismo” ou “protomodernismo”.

Muitos dos exemplares encontrados preservam características do estilo *art déco*, estes foram classificados como *protomodernos* e datam da primeira metade do século XX. Paulo Raposo Andrade com o texto “Um outra cultura da modernidade” classifica o protomodernismo como uma manifestação arquitetônica que ocorreu em diversas cidades brasileiras, entre 1930 e 1955, com características mais ou menos homogêneas, distintas, no entanto, do ecletismo historicista do início do século, como também, das experiências dos pioneiros do modernismo no Brasil. (ANDRADE apud EDUARDO, 1998).

As edificações classificadas como protomodernas enquadram-se nas definições apresentadas acima, permitindo uma associação entre a morfologia das fachadas e a produção arquitetônica da primeira metade do século XX, em especial à década de 30.

Dentre as características observadas nestes exemplares têm-se: platibandas escalonadas, motivos geométricos com funções decorativas, bem como ranhuras e saliências, conferindo variedade e ritmo às fachadas, marquises que adornam as janelas de canto e cores contrastantes.



Edificações protomodernas do bairro das Rocas: ficha A9, E4, D44, B64, B52 respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)



Edificações protomodernas do bairro das Rocas: ficha, E67, B24, E12, B14 respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)

Ainda nas primeiras décadas do século XX, se desenvolve no âmbito nacional os ideais do Movimento Moderno. Em 1929, o manifesto de Gregori Warchavichik difunde as idéias de Le Corbusier no Brasil, provocando uma revolução estética que rompe com a influência da tradição, estabelecendo um novo vínculo com as correntes vivas da arquitetura internacional (BRUAND, adaptado).

O movimento surge da necessidade de adaptação arquitetônica às novas necessidades do homem, à era da máquina, e do anseio dos artistas por uma identidade nacional. Os projetos buscavam o racionalismo e o funcionalismo, apresentando como características comuns: formas geométricas definidas - sem ornamentação; fachada livre - com a separação entre estrutura e vedação; uso de pilotis – liberando o espaço sob o edifício; panos de vidro horizontais – em fita; e integração entre arquitetura e o entorno.

Segundo Cavalcanti esse processo de revolução atinge seu auge no final dos anos 30 e início dos 40 quando são construídas algumas obras referenciais do movimento: o MES - Ministério da Educação e Saúde(1936) e o projeto da Pampulha(1942-1943).

O novo estilo se desenvolve no nordeste na década de 30, primeiramente em Recife, com Luís Nunes, que insere no repertório moderno alguns elementos observados no conjunto em estudo, como os cobogós, que refazem os brise soleil corbusianos. Esse elemento, bem como os brises, as venezianas, e os telhados de telha canal com grandes beirais, são decorrentes da preocupação do Movimento com o conforto ambiental, com a adaptação da nova arquitetura às características climáticas locais. Os revestimentos em azulejo, segundo Bruand, fazem parte dessa adaptação, como solução para o problema de manutenção constante das fachadas devido ao clima quente e úmido da região.

Nos anos 50, período de relativa estabilidade política e econômica do país, o novo estilo, que inicialmente foi uma proposta de elite, penetra, segundo Lara, em todos os estratos sociais até a classe média baixa, sendo assumido por esta como paradigma estético apesar das diferenças regionais ou discrepâncias sociais. A mídia tem importante participação na divulgação da arquitetura moderna, como afirma Lara:

“paradigma de estilo” e “de forma direta e mais próxima do contexto popular, a publicidade da época usa e abusa da arquitetura moderna para vender de tudo. Aparelhos domésticos, materiais de construção, automóveis, roupas e até produtos de limpeza a usam como cenário ideal para a sedução publicitária. O resultado é que a arquitetura moderna de uma forma ou de outra invadiu os lares brasileiros na década de 50 com um glamour e um status dignos daqueles “anos dourados”. (Lara apud Delmonico e Rego; 2003: 183).

As casas reunidas nesse estudo, construídas ou com suas fachadas reformadas nas décadas de 50 e 60, apresentam características da arquitetura modernista da primeira metade do século, apropriando-se do vocabulário formal do estilo e adaptando-o às circunstâncias. Em se tratando de um bairro residencial de classe média baixa, alguns dos possíveis motivos dessa apropriação e da difusão de suas características são: a negação a tudo que fosse tradicional ou passado, de forma a se construir uma imagem moderna que estava “na moda”; e a mímese, ou “contaminação virótica” (termo adotado por Lara), traduzida como imitação ou repetição que permitiu a disseminação dos modelos das casinhas “modernosas” de “porta-e-janela”.

Dentre os principais elementos modernistas de composição de fachada incorporados às casas do bairro estão:

- As *marquises*, que passam a desempenhar a função das tradicionais varandas, marcando a transição entre o dentro e o fora, entre o privado e o público, são um indício da construção moderna, ainda que acopladas a estruturas de desenho convencional.(REGO, 2003 p.182) Além disso, ampliam o espaço interno, alargando a proporção da composição e evidenciando a linha horizontal e, conseqüentemente, a regularidade do conjunto. (Rego e Delmonico, 2007 p. 182)

Constatou-se que se trata de um dos primeiros elementos modernos a serem inseridos no cenário eclético. Isso foi possível a partir da observação do conjunto de elementos das fachadas que apresentavam esse elemento. A maioria delas possuem traços da decoração característica do *Art Déco*, como platibandas escalonadas adornadas com figuras geométricas, datam, portanto, das primeiras décadas do século XX. Estas exemplificam o protomodernismo, ou modernismo inicial já citado anteriormente.



Algumas marquises e platibandas encontradas no bairro: ficha C22, D32, B30, B5, A54 respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)

- As *platibandas*, que transmitem uma ilusão de laje, de coberturas planas, remetem à composição cúbica proposta por Le Corbusier. Na grande maioria dos casos levantados escondem o telhado tradicional. (Como já esclarecido acima, a implantação das casas favorece esse modernismo de fachada).

A platibanda reta é a mais recorrente, destacando a linha horizontal. Aparecem ainda a inclinada e a invertida ou “borboleta”, semelhante à utilizada por Niemeyer no Iate Clube do Complexo da Pampulha.

As platibandas já eram utilizadas tanto no ecletismo quanto no protomodernismo, estas diferem da platibanda “moderna” pelo excesso de ornamentação e recortes em sua forma.

Embora seja um dos elementos mais recorrentes no conjunto em estudo, que melhor caracteriza o modernismo das Rocas, algumas casas com telhado aparente foram classificadas como modernas. Geralmente possuem as duas águas desencontradas, ou apenas uma água inclinada, em negação ao estilo colonial que persiste até a década de 30.

- A questão da *horizontalidade* é uma preocupação latente na produção moderna do bairro, ressaltada pela aplicação de *frisos* emoldurando as platibandas e esquadrias, e pela utilização de janelas horizontais.

Cabe destacar a adaptação de alguns elementos como os frisos, que outrora seriam rechaçados por seu caráter ornamental e, portanto, nada funcional aos olhos dos modernos – às necessidades de se afinar com a nova estética, salientando na fachada a intencionada horizontalidade da edificação moderna. (DELMONICO, RENATO 2003 adaptado).

Outros exemplos de elementos de decoração encontrados que perdem sua funcionalidade original, contradizendo alguns dos princípios modernos, são: as pequenas aberturas circulares, que eram comumente utilizadas para ventilação, e, no entanto, recebem aqui apenas utilidade ornamental; e o acabamento em “réguas” à semelhança das casas americanas, adotado pela arquitetura moderna local. Ambos se valem apenas da intenção estética.



Alguns elementos decorativos e algumas texturas encontradas no bairro: ficha C63, B2, B3, C45, C40 respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)

- As *texturas*, outra prática comum nos exemplares estudados, também são aplicadas em locais estratégicos, buscando essa horizontalidade. São utilizadas como decoração e garantem uma aparência mais rústica, atenuando a imagem da composição cúbica, geométrica e abstrata. (REGO, 2003 adaptado).

- O uso de *cerâmicas* no revestimento e decoração de fachadas também garante uma identidade às casas modernistas identificadas, segundo Lara:

As casinhas modernistas adotaram a cerâmica como material preferido de revestimento externo. Empregados extensivamente na arquitetura portuguesa e redescobertos pelos arquitetos modernistas, azulejos e pastilhas foram usados em profusão. Impulsionadas pela indústria de materiais de construção (o que se revela também nas inúmeras propagandas na mídia impressa), cerâmicas de revestimento estavam disponíveis em forma de pastilhas (2 x 2cm) ou azulejos decorados (12 x 12 ou 15 x 15 cm). Combinados na composição das fachadas, pastilhas e azulejos tornaram-se marca registrada desse período na arquitetura residencial brasileira. (LARA, 2005: 176).



Alguns revestimentos em cerâmica típico dos anos 50 e posteriores aos anos 60 encontradas no bairro: ficha E61, B27, D60, C10, A38, respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)

Vale ressaltar que a aplicação de cerâmica nas fachadas, em muitos dos casos levantados, descaracteriza a edificação moderna. Garantindo à esta um aspecto de banheiro (cômodo comumente revestido por cerâmica para evitar infiltração). Esse fenômeno se inicia depois dos anos 60, e é um processo sem dúvida caro, mas que permitia evitar as grandes despesas com manutenção das fachadas. (BRUAND, 1997 adaptado).

- Embora poucas, algumas casas inventariadas preservam seu *muro* original, geralmente *baixo*, favorecendo a integração da casa - espaço privado, com a rua - espaço público. Característico do movimento moderno que pregava a continuidade espacial integrando o edifício com o entorno.



Alguns muros baixos, esquadrias e protetores solares encontrados no bairro: ficha E12, C13, D32, C27 e E86 respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)

- As *esquadrias* encontradas são, em sua maioria, venezianas em madeira, adaptadas ao clima local, permitindo a ventilação dos ambientes internos. Diferem apenas formalmente da utilizada nos períodos anteriores, principalmente no colonial. As aberturas antes quadradas (colonial), ou verticais (art déco) tornam-se *horizontais*.

As mais comprometidas com o movimento, provavelmente de moradores com poder aquisitivo superior aos demais, apresentam vidros, comuns nas esquadrias da época, no entanto mais caros que a janelinha tradicional. A ausência de vidros poderia ser explicada ainda pela fragilidade do material.

Quando preservada a esquadria original, a composição predominante são 4 folhas, as duas centrais em vidro e as duas laterais com venezianas.

Muitos dos exemplares modernos substituíram suas esquadrias, modificando suas fachadas, preservando em alguns casos a abertura, mas na maioria ampliando-a para torná-la mais funcional.

- Outros elementos que contribuem para o conforto térmico da edificação, observados também dentro desse contexto, são o *cobogó* e os *brises*. Segundo Rego o primeiro seria um novo estágio do “muxarabi”, natural de nossa arquitetura colonial que os portugueses assimilaram da arquitetura moura. Garante a ventilação e a iluminação natural, sendo utilizado também, como foi observado em vários exemplares, como elemento decorativo.

Os brises, do gênero placas horizontais ou verticais, criados por Le Corbusier para um de seus projetos em 1933, também são recorrentes, estão presentes nos exemplares mais fiéis aos modelos da arquitetura moderna, e funcionam como interceptadores dos raios solares. (CORONA e LEMO, 1989 adaptado).

- A *volumetria* das edificações é predominantemente simples, no entanto percebe-se através das platibandas invertidas, ou seccionadas por algum elemento, ou ainda através das varandas, um jogo de volumes, ou pelo menos a intenção desse jogo, característico do movimento moderno, que o difere das fachadas ecléticas e coloniais simples.

Devido à limitação imposta pelos lotes, as edificações térreas não desenvolvem essa característica, apenas a simulam. Nas casas de dois pavimentos, entretanto, este jogo se torna claro, o volume superior salta além do inferior, construindo uma “fachada-livre”, e, quando não, o pavimento superior apresenta grandes aberturas, como varandas que provocam a sensação de volumes distintos.

Uma das principais causas da descaracterização das edificações modernas do bairro foi o acréscimo de volumes à volumetria original. A fachada, principal elemento de identificação do estilo, se esconde atrás de grades de varandas com telhadinho aparente, semelhantes à alpendres, ou ainda atrás de um novo cômodo fechado - muitas vezes a garagem, inserido na parte frontal da casa, sendo possível identificar sua época apenas pela platibanda, última sobrevivente.

Alguns desses elementos foram combinados, criando modelos de fachadas, que hipoteticamente por mimese se reproduzem por todo o bairro, permitindo a identificação de alguns padrões.

Dentre os padrões, predomina a casinha modernosa de porta-e-janela com platibanda emoldurada por frisos e abertura horizontal - uma releitura da casinha de porta-e-janela com telha colonial em duas águas. O padrão apresenta algumas variantes relativas à forma da platibanda, retas, inclinadas, ou invertidas. Esse padrão caracteriza a arquitetura das Rocas predominante na década de 50, vindo a sofrer modificações depois dos anos 60.



A primeira imagem apresenta uma ilusão de volumes distintos, a segunda apresenta esse jogo, e a seguinte é um exemplo de descaracterização encontradas no bairro. As três últimas são algumas variações do padrão identificado: ficha E66, B63, A59, B26, B58, e B39, respectivamente. (Fonte: Acervo da turma/Data: Maio/2007)

3. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pôde levantar as edificações com características modernistas e de transição dos estilos que o precederam e sucederam e notar o processo de inserção e perda dos elementos definidores do estilo. A reforma nas fachadas foi o principal meio para a compreensão desse processo de assimilação da arquitetura moderna no bairro das Rocas. Elas registram os modismos de várias épocas permitindo a leitura de sua história.

O processo de modificação da arquitetura do bairro das Rocas acompanha o ritmo da cidade, conforme Marques e Melo:

“Segundo MARQUES E MELO (2002) a prática da arquitetura moderna em Natal, especialmente a residencial, ocorreu em três fases: década de 30, momento de inserção dos

modelos modernistas pelo Escritório Saturnino de Brito; década de 50, período de ruptura das alusões ao passado através da disseminação e consolidação das idéias modernistas; e, por fim, década de 60, considerada a fase de dispersão do idéario modernista” (RIBEIRO apud LIMA et al; 2006: 30).

De maneira geral o que pôde ser observado é que durante as primeiras décadas do século até a segunda Guerra Mundial a arquitetura do bairro foi predominantemente *protomoderna*, uma arquitetura de transição, com características do estilo *Art Déco* e colonial. Na década de 40 começam a ser inseridos alguns elementos modernos como as marquises, e os elementos de decoração das fachadas são simplificados, há ainda uma negação do estilo colonial. Nos anos 50, o modernismo popular atinge seu ápice, são inseridas as platibandas, as janelinhas horizontais, os elementos de proteção solar, dentre outros. Após os anos 60 as fachadas sofrem algumas modificações ou descaracterizações, são revestidas com pedra – possível influência do movimento brutalista, com cerâmica, ou ainda possuem sua volumetria alterada por justaposição.

Pôde-se perceber que a Arquitetura Moderna se espalha como estilo, tornando-se paradigma estético. Passando a ser incorporado pelo bairro como necessidade e modismo, segundo Lara os fragmentos da arquitetura moderna davam o status almejado.

A produção modernista do bairro apresenta um vasto repertório de elementos modernos baseados num pequeno conjunto compositivo, aplicado de forma a afinar as casas com a estética de então. Revelam uma engenhosa adaptação ao vocabulário moderno, no entanto, desviam-se de alguns preceitos do modernismo ortodoxo, erudito e inicial.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

DELMONICO, R.; REGO, L. R. **Casas de estilo: arquitetura moderna e edificações residenciais em Maringá, Paraná**. World Wide Web, http://www.ppg.uem.br/docs/ctf/Tecnologia/2003_02/08_374_03_Renato%20Rego_Casas%20de%20estilo.pdf.htm. Consultado em: 07 jun. 2007.

EDUARDO, Anna Rachel Baracho. **Protomodernismo em Natal**: sobrevivência de uma arquitetura anônima. Trabalho de Graduação: História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

LIMA, Ana Claudia de Souza et al. **Aspectos da Arquitetura Modernista em Santos Reis**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

LIMA, Pedro de. **Arquitetura no Rio Grande do Norte**: uma introdução. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.

LARA, Fernando L. C. **A insustentável leveza da modernidade**. World Wide Web://<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp276.asp.htm>. Consultado em: 07 jun. 2007.

LARA, Fernando L. C. **Modernismo Popular: elogio ou imitação?** World WideWeb://<http://www1.pucminas.br/home/pagina.php?codigo=2282&PHPSESSID=3f629008400cf76cfec2b3618a52705b.htm>. Consultado em: 07 jun. 2007.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

Bibliografia consultada:

ALBANO, Yonara. et al. **Vila Ferroviária Alecrim – Quintas: análise morfológica sob a perspectiva do discurso modernista para a habitação social**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004.

ALBUQUERQUE, Dulce; ALVES, Anita. **Inventário do casario da Cidade Alta construída até a Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1989.

ALBUQUERQUE, Emanuelle. Et al. **Inventário de edificações pré-modernistas, de transição e modernistas**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

ARAÚJO, Priscila et al. **Paralelo da apropriação do modernismo: classe alta em Petrópolis / Tirol x classe baixa das Quintas / Alecrim**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004.

AZEVEDO, Laíse: et al. **Estudo da Arquitetura Moderna no bairro de Tirol**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

CERQUEIRA, Maria Cândida et al. **Análise Morfológica de alguns exemplares do bairro de Tirol**. Trabalho de Graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

CORQUEIRA, Maria Cândida. **Análise morfológica de edificações: pré-modernistas, protomodernistas e modernistas**. Trabalho de graduação: História e Teoria da arquitetura 03. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

CORONA; LEMOS. “Dicionário da arquitetura brasileira”. 1989 p.81.

LEMOS, Carlos A. C. História da casa brasileira. São Paulo: Contexto, 1996.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.